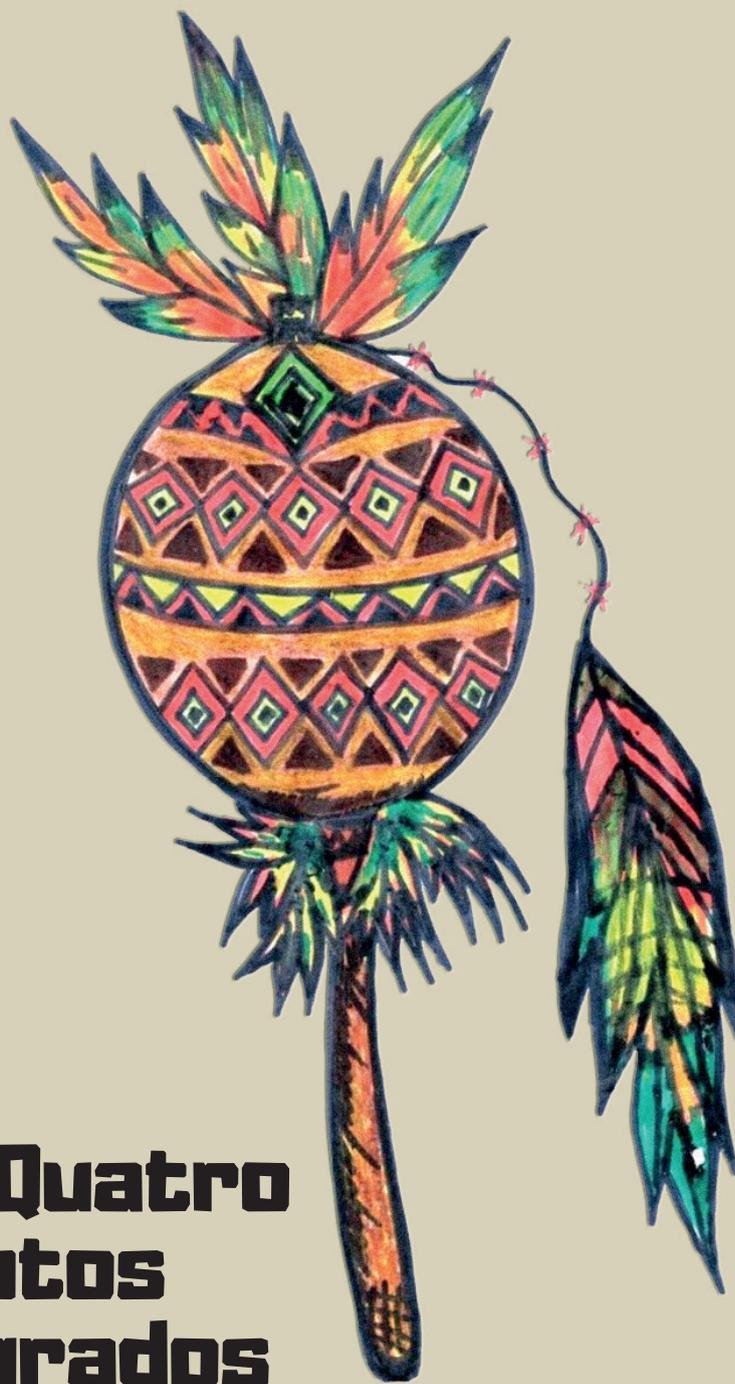




AÇÃO SABERES
INDÍGENAS NA ESCOLA
NÚCLEO SC



Os Quatro Cantos Sagrados

Cartilha de Aprendizagem
de Saberes Tradicionais



**AÇÃO SABERES
INDÍGENAS NA ESCOLA
NÚCLEO SC**

Os Quatro Cantos Sagrados

**Cartilha de Aprendizagem
de Saberes Tradicionais**

Organizadores

Daniel Timóteo Martins

Hyral Moreira

**Florianópolis 2018
UFSC | SED SC | SECADI/MEC**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

Q2 Os quatro cantos sagrados [recurso eletrônico] : cartilha de aprendizagem de saberes tradicionais / organizadores Daniel Timóteo Martins, Hyral Moreira. – Dados eletrônicos. – Florianópolis : UFSC, 2018.
49 p.: il.

Textos em guarani e português.

Programa Ação Saberes Indígenas na Escola (SECADI/MEC), Núcleo SC.

Trabalho com professores indígenas em escolas vinculadas à Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina.

ISBN 978-85-45535-43-0

E-book (PDF)

1. Índios – Educação. 2. Professores indígenas – Formação. 3. Educação permanente. 4. Índios Guarani – Canções e música. I. Martins, Daniel Timóteo. II. Moreira, Hyral.

CDU: 37(=82:816.4)

Elaborado pela bibliotecária Dênira Remedi – CRB 14/1396

Este livro é resultado do trabalho coletivo dos participantes da equipe da ASIE SC na aldeia Yynn Moroti Wherá e é, portanto, de autoria coletiva:

Expediente

Coordenadora da ASIE Núcleo SC Maria Dorothea Post Darella

Supervisora Clarissa Melo

Formadoras Victoria Alvim
Tainá Lima Orsi

Colaboradora Ana Maria Ramo

Orientador de Estudos Hyral Moreira

Projeto Gráfico e Diagramação Tainá Dietrich Santiago da Fontoura

Professores cursistas Aline Antunes Moreira
Adailton Moreira
Celita Antunes
Daniel Timóteo Martins
Fabrício Mil Homens Riella
Ismael de Souza
Márcia Antunes
Gennis Martins Timóteo
Santiago Oliveira
Wendefly de Freitas e Silva

Diretor da Escola Richard Thibes Sarmiento

Cacique Hyral Moreira

Revisores Carlos Maroto Guerola
Maria Dorothea Post Darella

Sumário

- 7 Apresentação
- 11 INTRODUÇÃO
- 14 TRABALHANDO OS QUATRO CANTOS
- 15 *NHAMANDU MIRIM*
- 16 *MAMO ETEGUA*
- 17 *NHANDE KA'AGUYRE*
- 18 *NHANDE MBYA KUERY MA*
- 19 SUGESTÃO DE TEMAS IMPORTANTES (CENTRAIS OU CHAVE)
 - 19 A Etnogeografia tradicional Guarani
 - 21 *Yvyrupa* (território Guarani)
 - 22 O *Nhandereko*
 - 23 *Nhande ka'aguyre*
 - 24 Canto-dança: a música e a espiritualidade Guarani
 - 26 A mitologia
- 28 TRABALHANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
 - 29 *Parai*, a história da índia branca
 - 30 A lenda do *Avatchi*
 - 31 *Karai* e os segredos do sol
 - 34 Como é o nosso mundo Guarani
 - 40 Mãe Terra cuidando dos seres vivos: A terra como principal elemento sagrado
- 42 MAIS EXERCÍCIOS A PARTIR DAS MÚSICAS GUARANI
- 42 Exercícios de História
- 44 Exercícios de Artes
- 44 Educação Corporal





Apresentação

Este trabalho faz parte da Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE), instituída pela Portaria nº 1.061, de 30.10.2013, e regulamentada pela Portaria nº 98, de 06.12.2013, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC).

O Núcleo SC integra a Rede Sul-Sudeste (MG, ES, RJ, SP, PR, SC e RS) e efetiva o trabalho com professores indígenas das três etnias presentes no estado, Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng, de Terras Indígenas situadas em variados municípios, e cujas escolas estão vinculadas à Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina.

A cartilha trata das experiências sentidas e vividas pelos professores cursistas Guarani (e pelos seus colegas não indígenas que se juntaram ao trabalho), orientados pelas belas palavras e ricas experiências dos anciãos, os *xeramõi e xejaryi* que, com carinho e atenção, acompanharam e conduziram essas pesquisas, e são, com certeza, os protagonistas deste trabalho. Esses professores, orientadores e anciãos Guarani, em sua maioria Mbya, integram o mais numeroso povo indígena no Brasil, abrangendo sua ocupação os estados do RS, SC, PR, SP, RJ, ES e MS, com aldeias excepcionalmente em TO, PA e MA. Em Santa Catarina, os Guarani situam-se em vinte aldeias no litoral, afora áreas/locais no meio-oeste, no oeste e no extremo-oeste.

Essa Ação (ASIE Núcleo SC) se iniciou com reuniões de organização nas aldeias e na Universidade Federal de Santa Catarina em 2014 e continuou no período 2015-2017. Durante esses anos ocorreram grandes encontros nas aldeias, oficinas de formação, visitas de acompanhamento, etapas de desenvolvimento das pesquisas com os professores e orientadores indígenas, atividades dentro e fora dos espaços escolares. Finalmente, sucederam etapas de produção dos materiais e execução da segunda edição dos Saberes Indígenas na Escola, em 2016-2017, quando ficaram perceptíveis as sementes plantadas em cada *tekoa*, em cada aldeia.

¹ A grafia em língua guarani abarca distinções no território de ocupação. Este livro apresenta-a tal como utilizada em *Tekoa Yynn Moroti Wherá*

Os professores indígenas participantes da ASIE – Núcleo SC são falantes da língua Guarani (pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani), na qual se sobressai a diversidade quanto a pronúncias, vocábulos e escrita¹. Valoriza-se essa diversidade, que é ressaltada principalmente na grafia de palavras presentes nos diversos trabalhos produzidos durante a Ação Saberes Indígenas

nas na Escola. Mesmo com toda diversidade cultural, dialetal e de grafia, esses grupos se identificam no *Mbya reko* ou *nhande reko*², no sistema Guaraní. Esse sistema expressa o jeito de ser e de viver, a espiritualidade, as regras de conduta e os valores responsáveis pela manutenção desses grupos. Sentimos o fortalecimento desse *Mbya reko* nas falas de cada ancião, de cada professor cursista e orientador de estudos. Isso também fortalece a equipe e faz acreditar cada vez mais no trabalho em efetivação.

A equipe percebeu aspectos que necessitam de aperfeiçoamento, assim como sentiu o amadurecimento de todos os envolvidos no decorrer do processo de trabalho. Nesta cartilha, denominada **Os quatro cantos sagrados – cartilha de aprendizagem de saberes tradicionais** – são apresentadas as pesquisas tecidas pelas mãos dos professores de *Tekoa Yynn Moroti Wherá*, orientados pelas *Ayvu Porã*, as belas palavras dos *xeramõi e xejaryi kuery*, que as antecedem e lhes servem de norte. É a “voz” da escola que pode ser “ouvida” a seguir, num exercício que possibilita e incentiva a troca com outras escolas guarani.

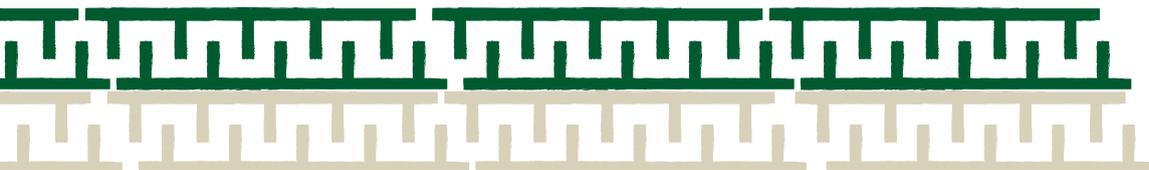
² “*Nhandereko* é como nós, Guaraní Mbya, chamamos o que o *jurua* chama de cultura. Mas *nhandereko* para nós é mais do que isso. É todo o nosso modo de ser, o nosso modo de viver, o jeito como nós educamos nossos filhos e nossas filhas, como enxergamos o mundo, como nos relacionamos com a nossa espiritualidade. É impossível para o *jurua* entender o que é o *nhandereko*, porque somente vivendo é que se compreende o que ele é.” (<http://videos.yvyrupa.org.br/nhandereko-nosso-modo-de-viver/>)

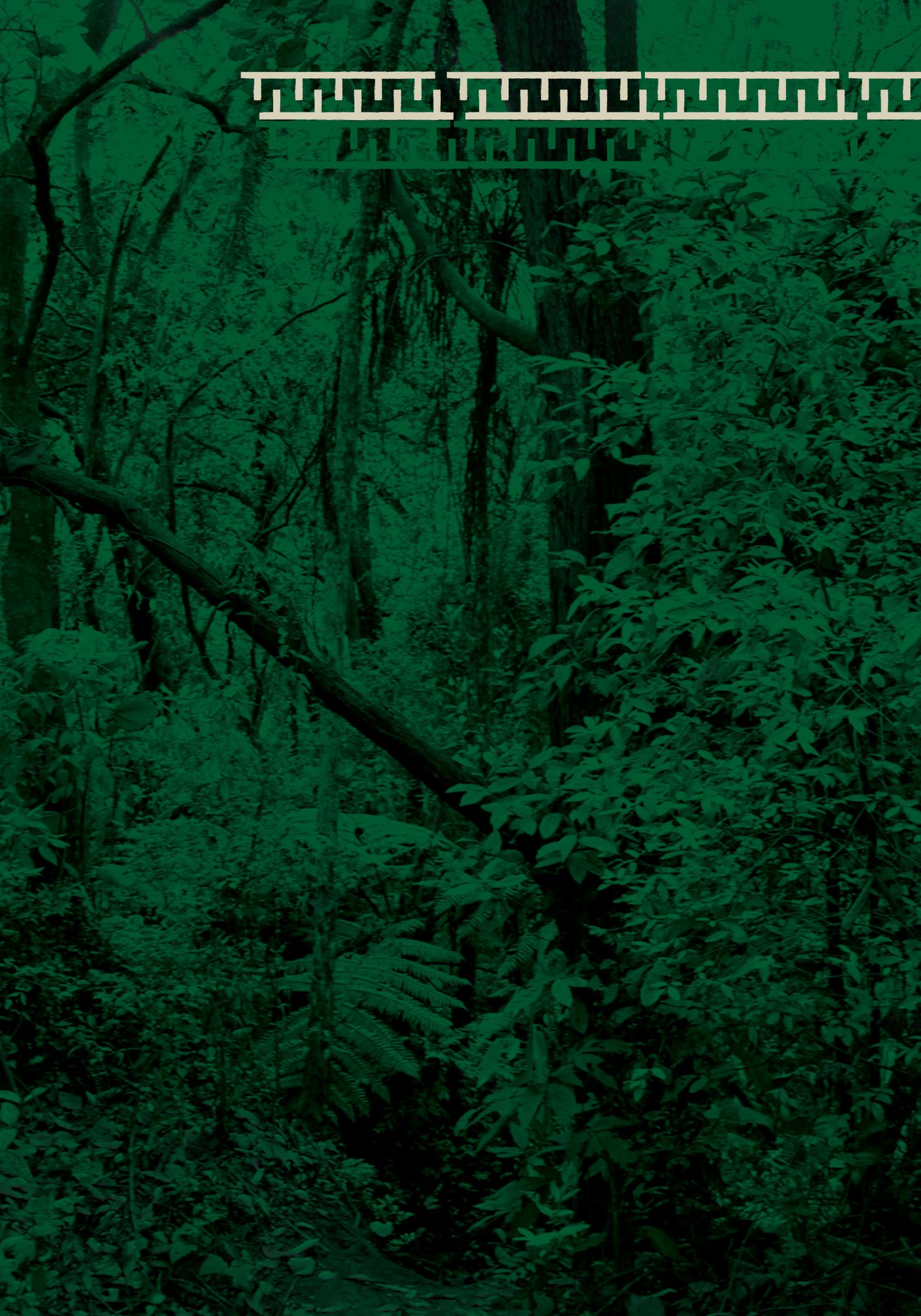
Equipe Ação Saberes Indígenas na Escola, Núcleo SC.



Ore nhomboea kuery escola Whera Tupã Poty Dja pygua roguerowya kowa'e mba'eapo. Koawa'e mba'eapo ma irundy mborai regua.

Kowa'e mba'eapogui kyingue a'e kunumigue a'e kunhataingue onhembóe awã oikua'aawã mbaere pa Nhande mbya kuery djaupi mborai kowa'e mba'eapo ma pawẽ *tekoa* py warã kowa'e mba'eapo. Háewete, pawẽ nhomboea kuery.







INTRODUÇÃO

É com enorme satisfação que estamos apresentando a cartilha referente ao projeto *Ação Saberes Indígenas na Escola*. Nesta etapa, trabalhamos com quatro cantos que nos informam um pouco mais sobre o infinito universo dos saberes ancestrais Guarani.

O mundo espiritual Guarani é vivenciado através de sua oralidade sagrada, contida numa vastidão de cantos que também são orações a *Nhanderu* e às demais deidades; assim, um único canto, além de nos informar segredos desses saberes ancestrais Guarani, também nos revela como nosso povo, em especial da aldeia *Yynn Moroti Wherá*, se conecta com o sagrado e, dessa maneira, quais os sentimentos que afloram desse sentido espiritual.

A história de nossa aldeia, repassada aos descendentes, remonta aos primeiros *tcheramoi*, que prepararam as pedras que estabeleceram nossa conexão com *Nhanderu*. Temos hoje o cacique Hyral Moreira como principal perpetuador da tradição, que, além de líder da Nação Guarani nesta aldeia, é também o nosso guia espiritual, aquele que nos orienta qual caminho seguir.

Em nosso mundo espiritual, os cantos nos fornecem alento em nossa jornada, para que possamos nos apresentar perante os deuses com nosso rezo forte e firme. Por isso também temos presente e em atividade o coral *Yvytchi Ovy* (Nuvem Azul) em nossa escola, para aliar o conhecimento científico com os saberes ancestrais Guarani presentes em nossos cantos. Em vista disso, os cantos têm grande significação em nossas cerimônias tradicionais, pois eles carregam em seu meio toda a carga energética e cultural de nosso povo da aldeia de Mbiguaçu.

Ao esmiuçarmos cada canto, apresentamos algumas das milhares de interpretações culturais e espirituais que os cantos trazem consigo, por isso são considerados sagrados, pois cada canto tem sua finalidade e cada um contém seu rezo, sua energia e sua expressão do divino. Assim, em cada canto ocorre algo para além da simples transmissão de histórias: os cantos sagrados traduzem todo o conhecimento de nossos ancestrais e apenas estamos estudando uma ínfima parte, porém essa pequena parte é plena desse universo misterioso e sagrado dos saberes ancestrais Guarani.

Nessa edição da *Ação Saberes Indígenas na Escola* aprofundamo-nos um pouco mais em nosso mundo espiritual e apresentamos quatro cantos sagrados, em relação aos quais os profes-

sores e alunos de cada disciplina trabalharam de acordo com sua interpretação. Dessa maneira, a investigação dos saberes indígenas presentes nos cantos aflorou de forma sublime e foi traduzida em atividades propostas pelos professores, de acordo com uma pedagogia indígena que remete a Paulo Freire e sua Pedagogia do Oprimido.

A escolha dos cantos sagrados pelos nossos professores nos levou às seguintes músicas: *Nhamandu Mirim* (Pai Sol sagrado), *Mamo ete guá* (De onde), *Nhande Ka'aguyre Djare Ko Wa'e kue* (Em nossa floresta tínhamos...), *Nhande mbya kuery* (Nós Guarani). Esses cantos, apesar de serem somente quatro, já nos fornecem muita informação sobre o universo de saberes Guarani para desenvolvermos diversos desdobramentos e trabalhos pedagógicos.

Os cantos sagrados nos remetem a toda uma questão de espiritualidade própria do povo Guarani e principalmente desta aldeia. Eles são entoados com frequência em conexão com o *petyngué* (cachimbo sagrado). Comprovamos assim, de maneira prática, que esses cantos, por si só, já nos proporcionam uma vasta abertura da significação do universo de saberes ancestrais Guarani.

As atividades pensadas e realizadas por nossos professores foram desenvolvidas em ambientes tipicamente Guarani, isto é, em espaços da aldeia, incluindo as dependências da escola, que, apesar de ser uma construção que não faz parte da estrutura cultural da aldeia, já está incorporada às vivências desta comunidade.

A confecção de nosso material pedagógico sobre esses quatro cantos sagrados abordou questões pedagógicas de diversas disciplinas. Cada professor interveio, junto aos seus alunos, sobre questões pertinentes ao conjunto de saberes ancestrais Guarani presente em cada canto sagrado. É importante ressaltar que o mundo pedagógico Guarani é mais completo, por já estar inserido de modo espiritual na vivência diária, não apenas através desses cantos, mas também de muitos outros que permeiam o universo Guarani. Dessa forma, temos um olhar diferente sobre esse tipo de saber, visto que não o estudamos em segunda ou terceira pessoa, mas o vivenciamos em primeira pessoa no cotidiano e também nas práticas religiosas realizadas nas *Opy* ou Casas de Reza da aldeia e da escola.

Estudando os cantos sagrados dessa maneira estamos não só revitalizando esses saberes ancestrais Guarani como também criando um trabalho que servirá de modelo de material didático para futuros professores desta e de outras escolas indígenas. Esta cartilha aborda questões próprias da tradição Guarani e também cria paralelos com os saberes científicos dos não indígenas. Nesse ponto, o objetivo desse trabalho é que os pontos de partida para a abordagem dos conhecimentos científicos sejam os saberes indígenas. Há uma grande carência desse tipo de material. Portanto, esta cartilha é uma tentativa de atender à constante reclamação da educação indígena com relação à utilização de livros didáticos convencionais, os quais, em sua maioria, não fazem sentido algum dentro da visão Guarani.

Equipe da Escola Whera Tupã Poty Dja



TRABALHANDO OS QUATRO CANTOS

Esta cartilha tem como característica fundamental a multidisciplinaridade. A partir dos quatro cantos, abre-se um rico leque de possibilidades de abordagem pedagógica. Os cantos e textos presentes neste livro podem ser trabalhados por todas as disciplinas, desde Ciências até Filosofia, inclusive simultaneamente. Abaixo indicamos algumas direções que podem ser tomadas, não excluindo outras que venham a surgir de acordo com a criatividade.

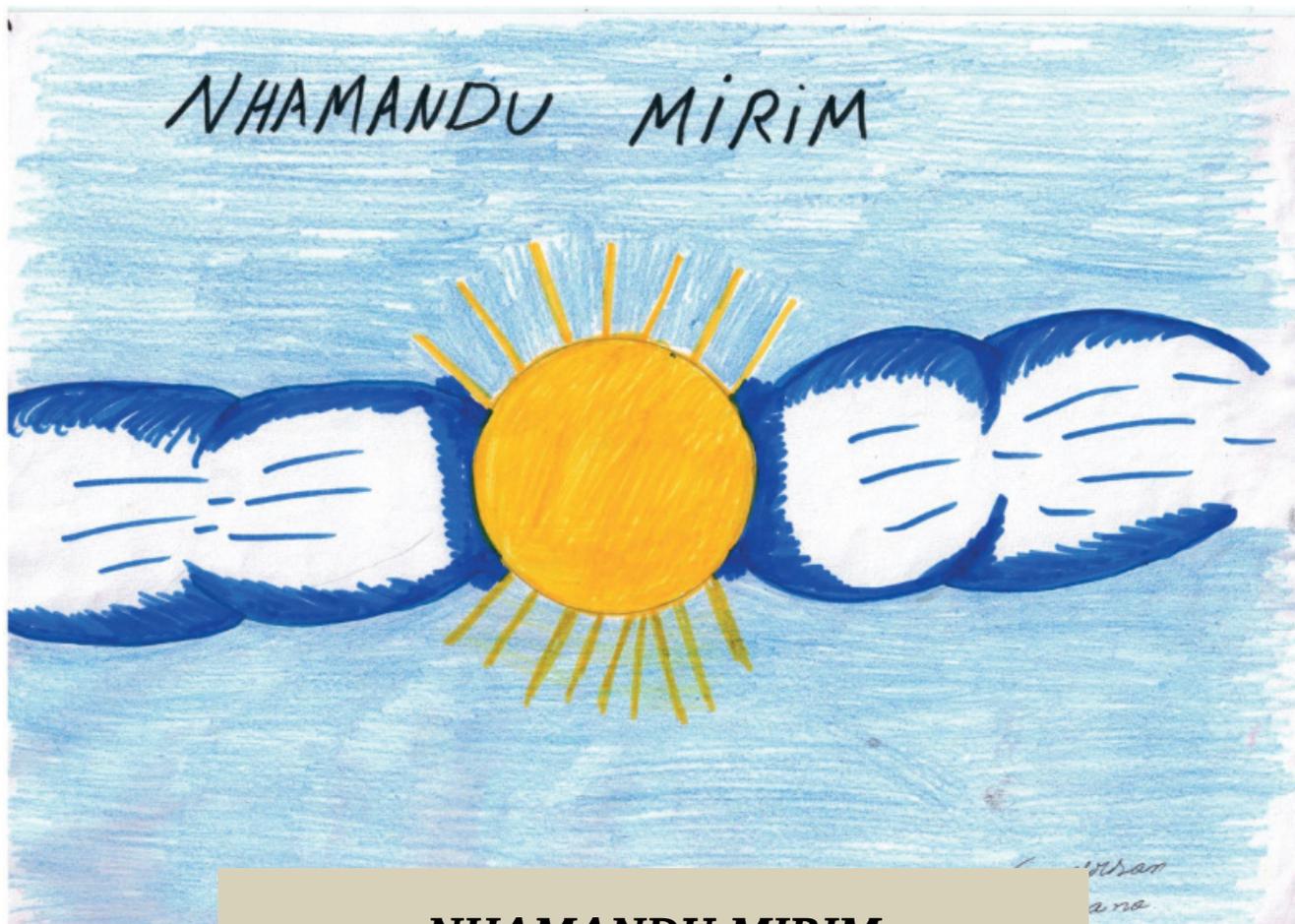
Em sala de aula, os professores podem trabalhar a musicalidade como um projeto para abordar, por exemplo, a disciplina de Geografia, dentro da qual eles têm possibilidade de desenvolver projetos relacionados à Etnogeografia e às noções de território, espaço, mapas, cartografias, solos e conceitos da educação tradicional Guarani.

Esse mesmo projeto pode envolver, simultaneamente, a disciplina de Língua Portuguesa e também de Artes e Artes Indígenas. Em Língua Portuguesa, os alunos poderão desenvolver pesquisas relacionadas à própria comunidade, ver as noções de solo, agricultura tradicional, fauna e flora da região e plantas medicinais (noções também abordadas na disciplina de Ciências), conhecendo assim o espaço onde vivem. O professor poderá auxiliar os alunos na elaboração de pesquisas e na produção de textos e relatórios sobre as mesmas.

Em Artes e Artes Indígenas, o professor poderá trabalhar a própria história indígena, efetivar as atividades como o canto e a dança, e também trabalhar os grafismos e os objetos sagrados que são usados na *Opy*, além de desenvolver várias formas de desenhos relacionadas ao próprio *Nhandereko*.

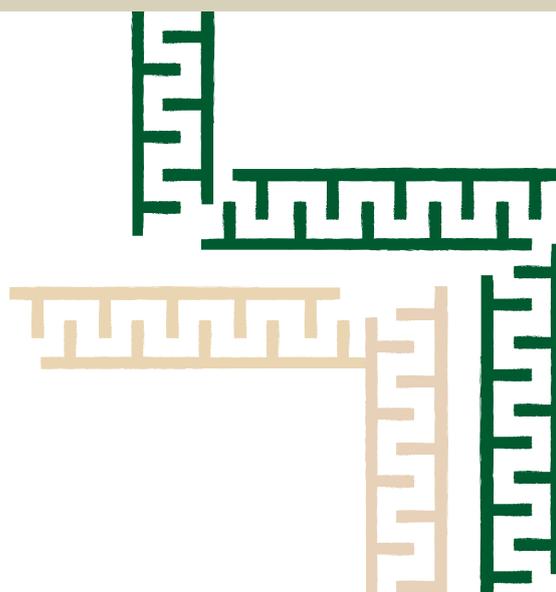
Por exemplo, a partir do canto *Nhande kaaguyre* o professor poderá desenvolver atividades relacionadas ao meio ambiente, ao conceito de territorialidade e de preservação dos recursos naturais. Já com a música *Nhande Mbyakuery ma* pode-se trabalhar com a própria história do povo Guarani, ver como foi o processo de preservação dos costumes e tradições, como é repassada a educação tradicional e a espiritualidade do povo Guarani.

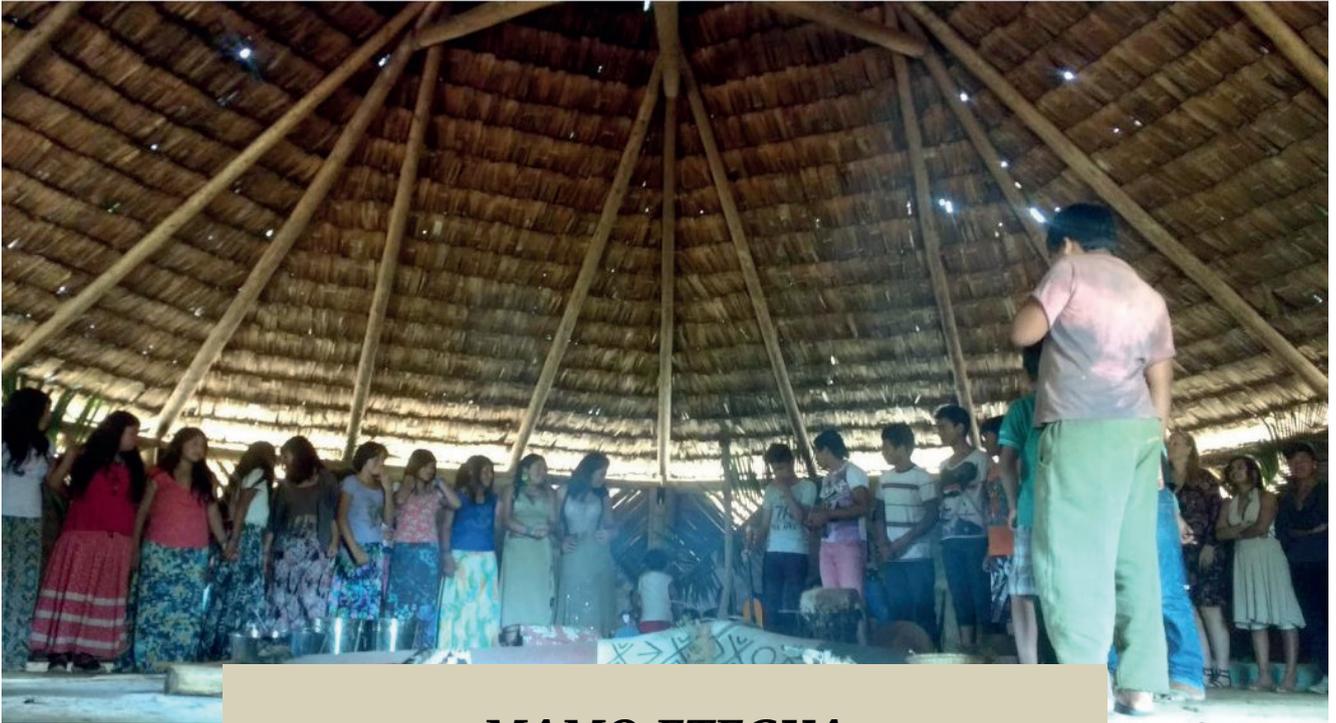
Percebe-se, assim, como foi dito no início, a infinidade de temas, abordados por praticamente todas as áreas do conhecimento, que surgem de *apenas* quatro cantos. E, é claro, além desses cantos selecionados, poderão ser integrados outros cantos, danças e demais aspectos da cultura Guarani.



NHAMANDU MIRIM

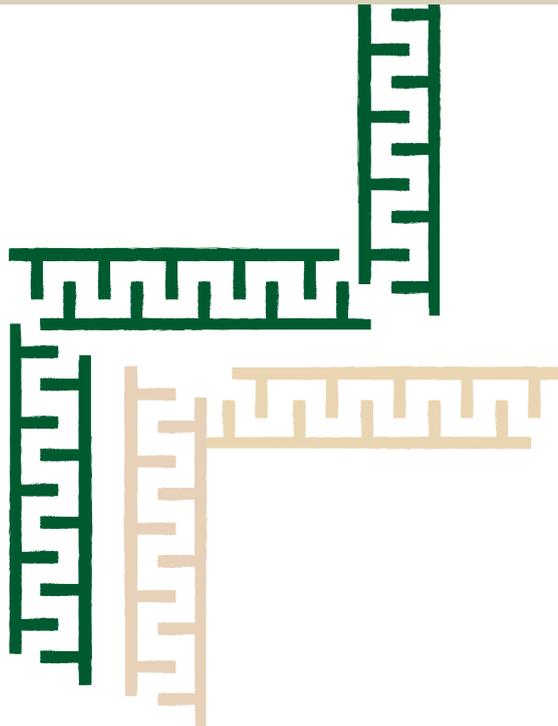
*Nhamandu mirim
Oguatá mavy
Nhande mopuã idjevy (2x)
Pawein djawya iavã (2x)*

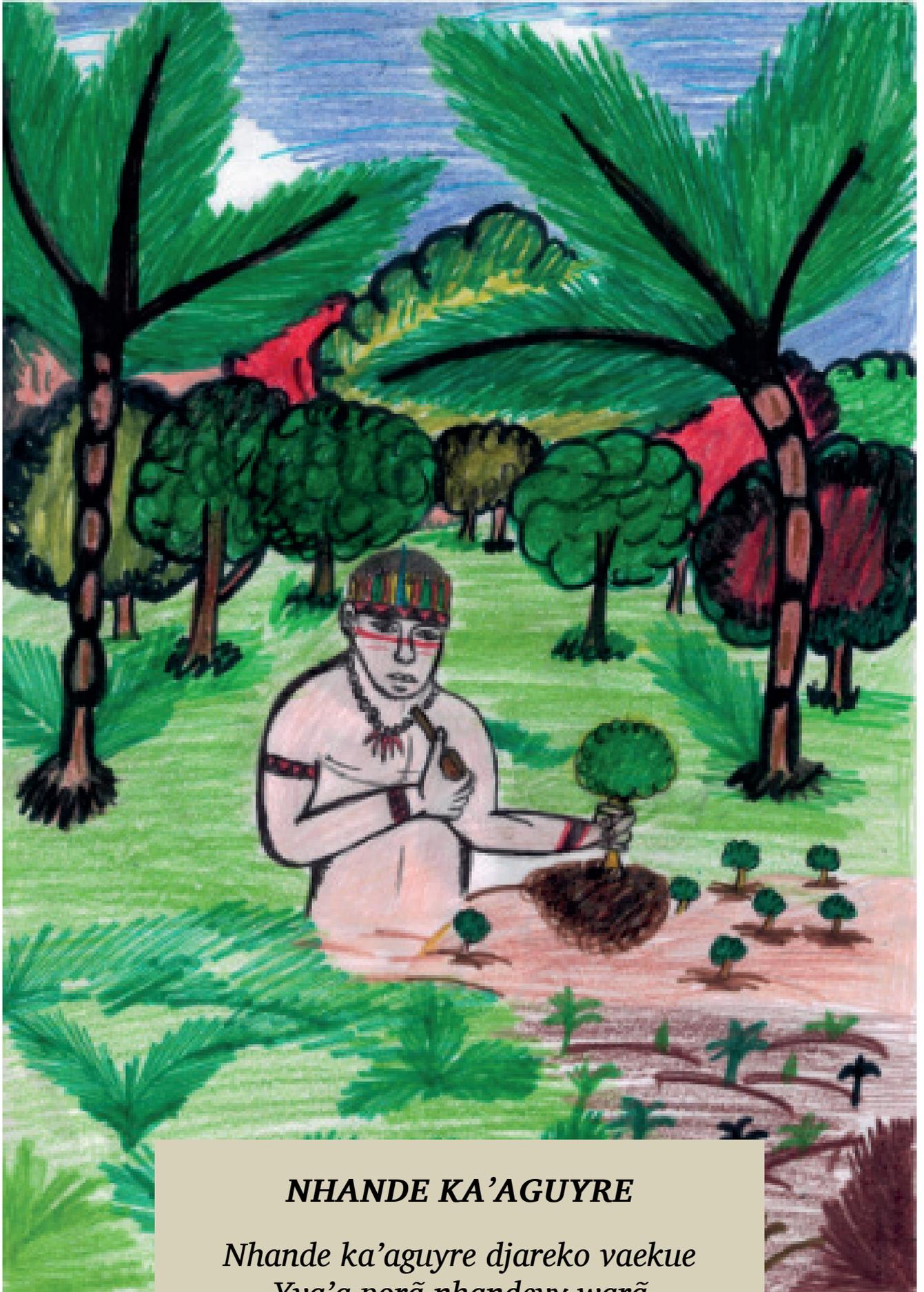




MAMO ETEGUA

*Mamo etegua
Nhanderu nhandetchy
Oetcha awã
Djadjerodjy djaporai
Djopiwei*





NHANDE KA'AGUYRE

*Nhande ka'aguyre djareko vaekue
Yva'a porã nhandevy warã
Eta va'e kuery omokanhymba
Nhanderu mirim oedja vaekue*



NHANDE MBYA KUERY MA

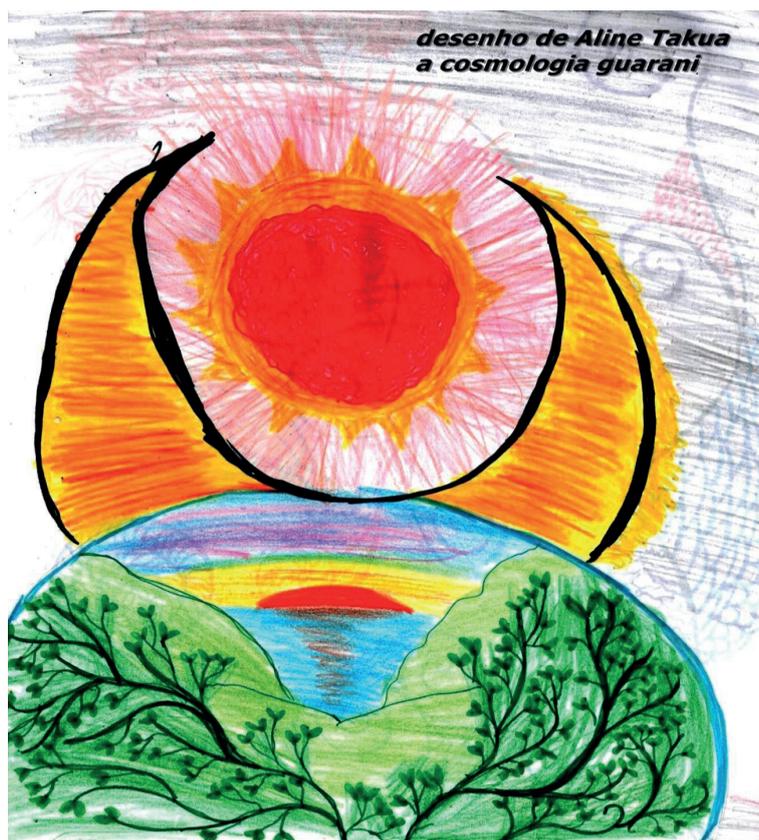
*Nhande mbya kuery ma
Djadju mombyry hetegui mombyry hete gui
Nhande mbya kuery ma djadju nhanderu
retagui nhandetchy hete gui
Nhanha'ã katu nhandero py'ire
nhamonhendu mborai'ĩ*

SUGESTÃO DE TEMAS IMPORTANTES (CENTRAIS OU CHAVE)

A Etnogeografia tradicional Guarani

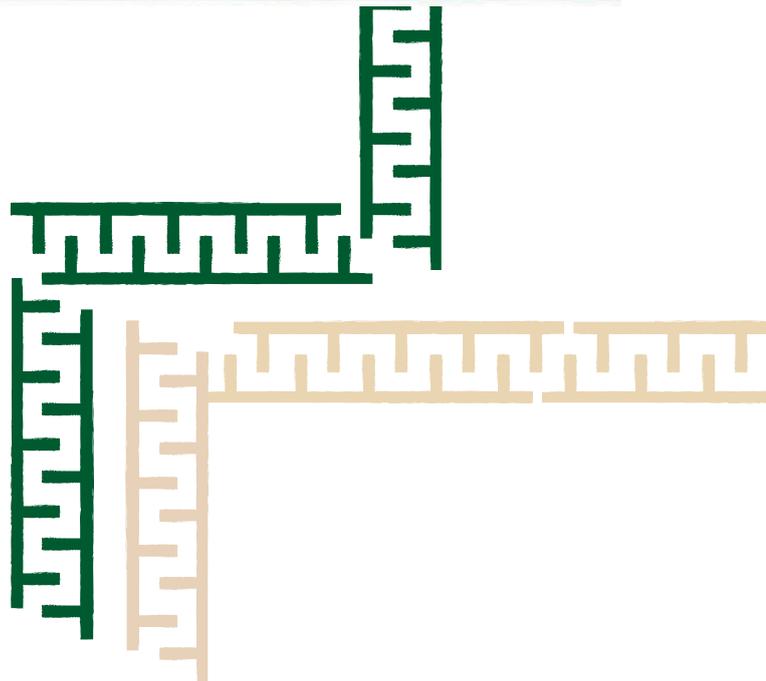
A Etnogeografia tradicional Guarani é a observação e visão Guarani sobre o tempo e o território. Existe desde os primeiros tempos antigos, quando, segundo a lenda, os seres divinos deram a sabedoria ao povo ancestral, o conhecimento de entender as estrelas, de trabalhar com a terra e também de conhecer as plantas e matas, respeitando assim o *Nhandereko*, o modo de ser Guarani.

A partir de todo esse conhecimento da cosmovisão Guarani, repassada através da oralidade e também do ensinamento e da aprendizagem, da observação do tempo, do clima e do território, o povo Guarani consegue mudar, plantar e modificar o ambiente de forma harmônica.



A cosmovisão do Guarani está ligada com a conexão entre a terra, os seres Guarani e as divindades. Através do canto-dança, conseguimos essa conexão.

Desde muito tempo atrás, os Guarani conseguem manipular o solo. Uma das plantas que eles consideram mais sagradas é o milho ou *awatchí*, que serve como alimento. Quando se tem uma boa colheita, é feito o batismo tradicional, o *Nhemongarai*: nele, as crianças recebem o seu nome Guarani.



Yvyrupa (território Guarani)

O território Guarani se estende por quase toda a América do Sul, em diversos países. Esse povo mítico e guerreiro ainda vive e resiste em meio a tantas políticas de extermínio, implementadas pelos Estados através dos tempos com o intuito de conquistar nossos territórios. Nesse conceito de resistência, o povo Guarani ainda consegue manter a sua voz, a sua língua, a sua tradição, a sua espiritualidade e a sua cultura.

Os Guarani sempre viveram em suas terras tradicionais, possuíam muitas aldeias e sempre migravam, plantavam e colhiam e, assim, quando uma terra estava sendo cultivada, outras estavam descansando. Eles também levavam consigo muitas plantas medicinais tradicionais e, quando podiam, as plantavam e, assim, foram modificando muitas vezes o ambiente. As terras tradicionais sempre ficavam perto do litoral, à beira do mar, ou ficavam perto dos rios, pois a água para o Guarani é sinônimo de saúde e energia e ajuda no fortalecimento do corpo e do espírito.

Porém, o que acontece hoje é a perda do próprio território tradicional, essencial para a manutenção da cultura, o *Nhandereko*. Os Estados e governos nos diversos países fazem de tudo para impedir que os povos tradicionais vivam em suas terras. Há muitos conflitos entre latifundiários e povos indígenas. Mesmo com algumas terras demarcadas, os *djurua kuery* (como chamamos aos não indígenas) não cessam as suas invasões às terras indígenas, nas quais conseguem matar toda a vida nelas existente.



O Nhandereko

O *Nhandereko* é o sistema de vida tradicional Guarani que envolve toda a relação com o meio sociopolítico, o território, a cosmologia e a espiritualidade do ser Guarani. Nas aldeias, o Guarani tem a sua vida tradicional, através dos ensinamentos dos mais velhos e da Casa de Reza, o *Opy*. Ele consegue ter uma educação mais espiritualizada e humanizada, mantendo assim um contato e uma relação afetiva com as tradições, com os costumes e com a natureza.

O sistema de ser Guarani, o *Nhandereko*, tem as suas regras internas e cada comunidade possui um calendário específico.



*kiko benites, 2 ano medio
o desenho representa Nhamandu Mirim
e o Nhandereko.*

Nhande ka'aguyre

A mata para o Guarani é fonte de saúde e educação corporal, pois ali está também localizada uma forma de educação tradicional: o conhecimento sobre as ervas medicinais. Os Guarani sempre tiveram esse tipo de conhecimento, pois é nele que estão os segredos para a saúde do corpo. Muitas dessas ervas medicinais ainda são cultivadas.



Na mata também estão os animais que fazem parte do território Guarani. Alguns desses animais são sagrados. Por isso, os Guarani os reproduzem como artesanato em madeira (os *bichinhos*).

Atualmente, muitas das florestas do nosso território tradicional estão sendo exterminadas pelos não indígenas. Quando os povos Guarani reivindicam as suas terras, estão salvando também os animais e as florestas que existem nelas.

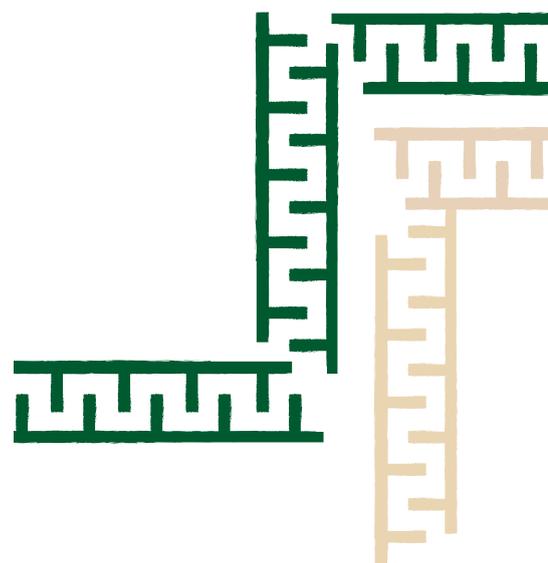


Há ainda uma grande política de extermínio dos povos indígenas no Brasil. Desde a época da invasão dos colonizadores, os povos tradicionais estão lutando para sobreviver. Os não indígenas destroem as matas, os animais e os rios, acabando assim com toda a vida e o território dos povos originários.



Canto-dança: a música e a espiritualidade Guarani

O canto-dança para o Guarani é uma forma de expressão corporal que envolve todos os sentidos do ser humano.



É muito sagrado ouvir os cantos que são entoados pelos anciões. Essa cultura de cantar, de dançar e de manufaturar os instrumentos sagrados é repassada de geração a geração. Existem várias formas de cantos que ajudam o espírito e alma a se expressar.

O povo Guarani busca a sua espiritualidade através da *Opy* e do uso sagrado do *petynguá* ou cachimbo tradicional, que é um meio para interagir com as divindades.



Na *Opy* da aldeia de Biguaçu, o canto e a dança são essenciais para o entrosamento com as forças divinas e espirituais. A música é um mantra que eleva o espírito-alma; e a dança, através do contato com o chão, é a batida do coração da mãe terra.

Nas cerimônias, as mulheres têm um papel fundamental nessa interação. Elas cantam em um tom agudo, batendo o *takuapu*, instrumento constituído por um pedaço de bambu, na terra. Já os homens tocam a *ravê* (rabeça), o *mbaraka* (violão), o *mbaraka miri* (chocalho) e o tambor, além de cantar e dançar agradecendo ao criador. Esse *Mborai há'e jerojyi* está relacionado ao sagrado. Geralmente esses cantos são apenas entoados, quem usa as palavras é apenas o líder espiritual que puxa o canto, os demais apenas seguem em coro, acompanhando com a voz.

Essa prática corporal se fortalece cada vez mais na comunidade de Mbiguaçu, onde existe o coral *Yvytchi Ovy* (Nuvem Azul), composto por jovens e crianças. As músicas cantadas pelo coral são diferentes daquelas entoadas nas cerimônias no *Opy*. Nos cantos do coral, são utilizadas palavras nas letras das músicas, além de algumas coreografias.

As músicas, geralmente, têm a ver com alguma história das divindades, ou com sentimentos e mensagens de fortalecimento para o ser Guarani, como a dança do *Tangará* ou a dança do *Xondaro*.

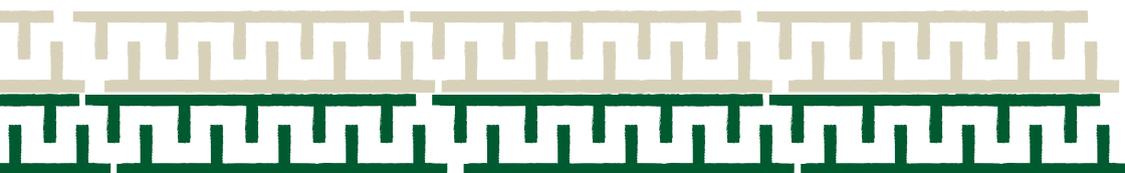
As crianças também têm um papel importante nessa concepção de cosmovisão, pois elas conseguem perceber e sentir as vibrações das músicas e são elas que irão revitalizar cada dia os costumes do nosso *Nhandereko*.

A mitologia

A mitologia na cultura Guarani está relacionada com a contação de histórias e fábulas, relacionadas a temas que vão desde a criação do mundo e da natureza até os animais que falam. No dia-a-dia, ela está presente desde a gravidez, quando a mulher e o homem devem se cuidar, principalmente o homem, que não deve caçar nem ir à mata até o nascimento do filho. A mulher que ganhou o filho deve ter uma dieta restrita, sem carnes, e o homem deve tomar banho de cinzas e também evitar gorduras, sendo que, sempre que sair, deve marcar o caminho para o espírito do recém-nascido não ficar perdido. A mitologia está presente também nos ritos de iniciação à vida adulta e também nos relacionados à morte. A mitologia tem a ver também com a educação corporal do Guarani.

Presente na musicalidade, a mitologia permeia os ensinamentos dos cantos desde a criação do homem. O canto é a expressão da alma e do corpo. Através do canto-dança podemos ver as histórias, saber como era a vida dos nossos *tcheramoĩ* e *tchedjaryi* (avô e avó, anciões) e nos conectar com as forças espirituais.

No dia-a-dia, a criança aprende os costumes e tradições observando os pais, seja no plantio e manejo das plantas, na maneira de fazer o artesanato, nas pequenas histórias que ouve sobre como era a vida dos índios Guarani mais antigos ou sobre como será o futuro para os Guarani. Tudo isso está relacionado com a mitologia, com essa cosmovisão de entender o *Nhandereko*.



Exercícios propostos

O objetivo desses exercícios é fazer com que o aluno consiga entender o contexto de territorialidade Guarani.

Geografia, Arte e Artes Indígenas:

1. Faça uma pesquisa relacionando os aspectos físicos e históricos de sua comunidade. Essa pesquisa deve ter o histórico de sua aldeia, quantas pessoas e famílias habitam nela, que tipos de plantas são utilizadas como plantas medicinais, onde estão localizadas as fontes das águas, que tipo de animais silvestres tem, se há roças tradicionais, o que se produz nelas.
2. Faça um relatório da sua pesquisa sobre todos os aspectos físicos e históricos da sua aldeia.
3. Desenhe um mapa tendo todo o território da sua aldeia (o professor poderá trabalhar a cartografia tradicional, ver a noção de espaço e tempo Guarani, além de produzir a maquete nas aulas de Artes).
4. Faça uma pesquisa sobre os povos Guarani, identifique aonde está localizado o nosso território. Quais países estão hoje nele?

Português - interpretação de texto:

5. O que é o canto-dança? Como ele está inserido na vida do Guarani? Exemplifique.

TRABALHANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

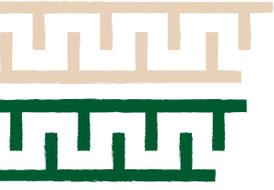


Desde sempre as histórias dos nossos ancestrais Guarani foram passadas através da oralidade, mas, com o tempo, essas histórias não estão sendo repassadas como deviam. Uma das propostas, tanto para os alunos como para os professores, é a revitalização dessa maneira de contar histórias e também de registrar, com o auxílio das novas tecnologias. Essa é a base para ajudar também a memorizar esses mitos.

Parai, a história da índia branca

Existem muitas lendas sobre o começo dos tempos, mas a história que vou contar é a respeito de uma menina que veio para avisar os Guarani sobre uma grande mudança:

Aquela época era um tempo de paz, todos comemoravam a colheita e se preparavam para fazer o *Nhemongarai* da erva mate. *Keretchu* era uma índia muito bonita que era a esposa do cacique. Ela estava grávida, ansiosa à espera de sua criança.



Uma noite o *xeramoï* da aldeia veio em sua casa fazer uma visita. Como era de costume, sentou na roda do fogo e pegou seu *petyngúá*: teve uma grande visão, disse a eles que a criança que estavam esperando iria mudar a forma de ser Guarani e iria trazer grandes mudanças. Ficaram todos assustados, mas, com o passar do tempo, foram esquecendo.

No dia do nascimento da criança, estavam todos animados. *Keretchu* deu à luz a uma linda menina. Ela era diferente: sua pele era branca como as nuvens, seu cabelo era tão amarelo como os primeiros raios do sol. Todos se espantaram, não sabiam o que fazer. Então, novamente veio o *tcheramoï* e falou que tinha chegado o dia da mudança. Na cerimônia do *Nhemongarai*, a menina recebeu o nome de *Parai*.

Parai foi crescendo, às vezes sendo rejeitada. Todos ficavam com medo porque ela era diferente. Ela gostava de cantar e brincar no meio da mata. Um dia, com mais ou menos dez anos, ela se perdeu. Seus pais, assustados, foram atrás dela e não a encontraram.

No meio da mata, *Parai* não se assustou, conseguiu subir numa árvore e avistou o mar. Naquela noite resolveu dormir sobre a árvore. Para não cair, amarrou-se. Observando as estrelas, com o tempo, seus olhos foram adormecendo.

Na manhã seguinte, *Parai* correu para o mar e, feliz da vida, brincou entre as areias, cantou com o Tangará os cantos que louvavam o novo dia.

Mas ela avistou uma grande canoa, logo se escondeu e viu aqueles homens barbudos, trazendo consigo um olhar faminto em seus olhos. Não era um olhar de fome por comida, e sim de ganância e poder, que ela desconhecia. Ela apenas sentia medo e arrepios. Então ela rezou baixinho e saiu de novo pela mata. Lembrou-se que a sua aldeia ficava perto do rio, bem acima das

pedras. Logo avistou sua aldeia. Com muita alegria reencontrou a sua família e contou o que tinha visto.

Alguns dias depois, aqueles homens barbudos chegaram à aldeia e trouxeram presentes. *Parai* se escondeu novamente, via o que os outros não conseguiam ver.

Com o tempo, aqueles homens foram desmatando em redor da aldeia, obrigando as pessoas a trabalhar para eles à força. Alguns índios fugiram, mas a peste os matou. A família de *Parai* conseguiu escapar da peste. Deslocados de seu território ancestral, conseguiram chegar a um lugar distante, mas, com o tempo de chuva, tudo ficou difícil e todos começaram a passar fome. O *tcheramoĩ*, que também tinha escapado com eles, novamente teve uma visão e disse que era para eles cantarem e dançarem. Fizeram isso. Pela manhã, tinha, dentro dos cestos, ervas medicinais, frutas e peixes: parecia ser milagre.

Com o tempo, *Parai* soube que a sua vinda para a terra era para avisar que iriam vir pessoas de outras raças e povos. Ela cresceu e teve um filho chamado de *Karai Popygua*. Ele também era branquinho como as águas dos rios, e também veio para mudar a história dos Guarani.

A lenda do *Avatchi*

Popygua, filho de *Parai*, era uma criança muito agitada. Gostava de brincar em meio à mata. *Parai* dava muitos conselhos para seu filho e dizia que, assim como ela, ele iria mudar o mundo. *Popygua*, com o tempo, foi se tornando muito forte e paciente, aprendeu as artes divinas e a cura pelas plantas e pela fumaça.

Parai, já uma senhora idosa, pediu para que ele a levasse para a praia: lá ficaram rezando de madrugada. Acreditem vocês ou não, eles ouviram um som alto de trovão, e, na água, através das brumas, avistaram um barco. Nele vinha um índio que ela esperava. Então se despediu de *Popygua* e entrou naquele barco, rumo às estrelas, ou à Terra sem Males. Mas essa também é uma outra história que contavam os mais velhos, alguns ainda sabem.

Popygua então ficou forte em sua espiritualidade. Com o tempo, ele foi envelhecendo e ensinando os seus filhos a seguirem a sua tradição.

Karaí e os segredos do sol



Essa história, inspirada no canto *Nhamandu Mirim*, foi escrita por um professor *djuruá*, da disciplina de Ciências. Baseado em sua experiência como professor de escola indígena por cinco anos, ele tenta, através da história, criar um paralelo entre o conhecimento indígena e o conhecimento científico. Para isso, escreveu um conto que tem como personagem principal um índio Guarani:

Depois de três dias de chuva, o sol vem surgindo no céu limpo de uma manhã fria. Alguns feixes de luz entram pelas frestas da parede da casinha simples e acertam em cheio os olhos fechados de *Karaí*, convidando-o a se levantar e ver a bela manhã que surge. Com um olhar sonolento, ele contempla a beleza das linhas amarelas que atravessam a escuridão da casa e se alegra por não estar mais chovendo. Sente o cheiro suave da fumaça e imagina se ainda há brasa no fogo de chão da cozinha. Há uma serenidade no ar e em seu coração. Ele olha com carinho a mulher e a filha que dormem tranquilas ao seu lado, levanta-se cuidadosamente e caminha pelo chão de terra batida até a fogueira. Vê com ânimo que algumas brasas ainda reluzem nas duas lenhas maiores. Ele as aproxima, assopra levemente e coloca sobre as brasas alguns gravetos e mais quatro pedaços de lenha mais finos. Assopra novamente, uma pequena chama já nasce das brasas e vai escalando pelos gravetos. *Karaí* alcança a chaleira, queimada pelo uso, está cheia até mais da metade. Ele a aproxima do fogo, que vai soltando já pequenos e agradáveis estalos.

Enquanto a água esquenta, ele aproveita para ir ao banheiro, que fica do lado de fora da casa. Depois, lava as mãos, a água está fria, toma coragem, joga um pouco no rosto e, enxugando-o na blusa, volta apressado para dentro de casa. Há uma chama de um amarelo vivo embaixo da chaleira, que começa a chiar. *Karaí* prepara uma cuia de mate e a coloca perto do fogo, vai até um canto da casa e pega seu *petyngué* no *wokó*, enche-o de fumo. Agachado junto ao fogo, escolhe uma brasa, pega-a calmamente e a deposita sobre o fumo enquanto vai puxando levemente com a boca o ar que vem do forninho do cachimbo. O *petyngué* está aceso. O pensamento de *Karaí* está limpo e sereno como o céu azul que o aguarda ao lado de fora da casa.

Sentado comodamente agora num banquinho de tronco, virado para o sol nascente, ele toma sua primeira cuia de mate. O

calor do chá esquentava seu corpo e o sabor amargo o ajudava a despertar. Está uma manhã realmente bonita e ele se alegrava pela privilegiada localização de sua casa, no alto do morro, nos limites da aldeia. Para trás, alguns roçados, e o resto, coberto de matas que descem pelos lados e abraçam a aldeia, lá embaixo. No horizonte, uma visão panorâmica do mar, que só não se confunde com o céu por ser o primeiro de um azul mais escuro. Há também algumas ilhas cobertas de verde próximas à costa. O sol brilha radiante a um palmo do oceano. Não há vento e o frio está agradável, é realmente um dia bonito.

Rolos de fumaça sobem do *petynguá* de *Karáí* e levam seus pensamentos por todos os lados. Hoje é dia de levar o lixo, olha para o saco pendurado na parede de fora da casa e se orgulha do seu terreiro limpo, onde algumas galinhas já ciscam em busca de pequenos insetos, minhocas e plantinhas. Hoje também é dia de plantar milho: está tudo pronto, seu cunhado e sua sogra devem chegar logo para começar o trabalho, esse ano está bom para plantar, pensa *Karáí* cheio de esperança. Mais uma cuia de mate, mais algumas baforadas no *petynguá*. Seu coração está alegre.

Os olhos de *Karáí* estão cheios, há muito que ver: diferente dos dias anteriores, hoje o sol colore tudo. Tudo emana uma beleza própria. A fumaça sobe do *petynguá*. *Karáí* lembra-se então do *tcheramoĩ*, de suas sábias palavras. No último encontro que teve com ele no *Opy*, o *tcheramoĩ* falara sobre o sol, pai de todos os seres vivos, e até ensinou uma canção sobre isso, sobre que todos dependem do sol para viver, todos, sem exceção. Nesse dia, *Karáí* imaginou o sol se apagando, que triste seria, todos abandonados numa escuridão profunda, e rezou a *Nhanderu* que nunca deixasse isso acontecer.

Nesse momento, em seu banquinho, *Karáí* sentiu com os olhos fechados o calor do sol no seu corpo. Ah, como era forte! Os dias chuvosos são importantes, principalmente para as roças, mas ele estava com saudade do sol. Olhou então para o horizonte e imaginou que o calor que o sol derramava sobre tudo aquilo que via deveria ser enorme. Se aquela pequena parte que o atingia já o aquecia a tal ponto, imagine sobre tudo aquilo que via iluminado, ao mesmo tempo! O sol é muito poderoso! Pensou *Karáí*, cheio de humildade. Seu pensamento iluminava-se cada vez mais, como o próprio sol que brilhava a sua frente.

Um barulho diferente chamou sua atenção: eram as folhas do jerivá balançando com o vento que começava a soprar, suavemente. Contemplou as folhas verdes brilhantes na sua dança com o vento, depois, correu o olhar por todas as árvores ao longe, pelos seus infinitos tons de verde. Um pensamento in-

interessante o instigou. Que seres belos e curiosos são as plantas! Enquanto todos os animais vivem por aí, de um lado para outro procurando alimento, namorados, abrigo, as plantas se mantêm firmes e pacientes por toda a vida, no mesmo lugar. Mas como? Será que elas não precisam de comida, de namorados e abrigo? Perguntava-se *Karaí* enquanto seu cachorro, que viera de trás da casa e se aproximara sem que ele percebesse, deitava-se fielmente aos seus pés.

Serviu-se de mate mais uma vez, a água já não estava tão quente. Foi até a cozinha, com cuidado, para não fazer barulho, colocou a chaleira sobre as brasas e carregou mais uma vez seu *petyngué*. Voltando para o banheiro, *Karaí* se depara com um pé de fumo, bem na sua frente. Observou suas largas folhas voltadas para o sol, como se o *petym* estivesse louvando o pai dos seres vivos. E talvez o estivesse, pensou ironicamente. Aquele pé de fumo o fez retomar seu pensamento sobre o calor do sol, então, uma ideia veio como uma flecha e o encheu de clareza. As plantas se alimentam da luz do sol! É claro! Por isso elas não precisam andar por aí como os animais, por isso aquela infinidade de folhas voltadas para o céu. Nhanderu fez tudo perfeito, Ele não desperdiçaria todo esse calor, toda essa energia. Criou as plantas para que elas se alimentassem dessa luz e depois servissem de alimento, elas próprias, para outros seres vivos que não conseguem fazer isso. Tudo aquilo que o *tcheramói* dissera começava a fazer sentido.

Karaí afina então seu olhar e começa a enxergar a relação profunda entre os animais e as plantas. Olha para um palmiteiro, onde um casal de aracuãs toma seu café da manhã, comendo aos montes as bagas escuras que se penduram em um único cacho. Mais distante um pouco, um grupo de tucanos farta-se dos frutos das embaúbas. Próximo a ele, abelhas de todos os tipos vão de flor em flor em seu zumbido frenético à procura daquele melzinho que tem no fundo das flores. Passarinhos fazem uma festa colorida na aroeira carregada de pequeníssimos frutinhas vermelhos. Todos eles estão se alimentando, tirando do alimento a força para viver, para fazer tudo o que têm que fazer. Estão comendo a energia do sol guardada nas plantas, pensou *Karaí*.

Uma galinha cisca mecanicamente o chão próximo ao banheiro, ela está acompanhada de três pintinhos já meio crescidos. De repente, ela revira um pedacinho de pau e revela um amontoado de cupins, que começam a ser devorados por bicadas rápidas e certeiras. *Karaí*, assistindo à cena, segue então o seguinte raciocínio: A madeira alimentou-se da luz do sol, guardou aquela energia, então, os cupins comem a madeira, pegam um tanto da energia da madeira e agora, a galinha e seus pintinhos

comem os cupins e conseguem a energia também guardada nos cupins. A energia do sol vai passando de uns para os outros. É por isso que todos nós precisamos estar sempre comendo, pra ter essa energia, a força pra viver, e quem nos dá essa força é o sol, a todos nós, conclui *Karaí* cheio de alegria por ter essa compreensão.

O sol já ia a meia altura no céu e seus parentes ainda não haviam chegado para o trabalho. Resolveu ir até a casa da sogra, para saber o porquê do atraso. A mulher e a filha ainda dormiam. No caminho, *Karaí* enxergava tudo com novos olhos, não conseguia deixar de ver as relações entre todos os seres, a importância das plantas. Olhava de relance para o sol e sabia agora que aquela força era a energia que os fazia vivos. Depois de uma curva, avistou um casal de velhinhos, era sua sogra e o *tcheramoĩ*, que vinham em sua direção. “*Djawydju*”, saudou animado. “*Djawydju*”, responderam, “estávamos subindo para a sua casa”, completou dona Teresita, sogra de *Karaí*. “Dia abençoado”, disse o *tcheramoĩ*. E continuou: “dia bom para conversar com Nhanderu, ele já te contou uns segredos hoje, não?” E começou a cantar a música do sol, que cantara há alguns dias atrás no *Opy*, enquanto olhava nos olhos de *Karaí* e sorria. *Karaí*, cheio de surpresa e admiração pelo *tcheramoĩ*, simplesmente sorriu e disse “*Aguydjewéte!*”

Exercícios propostos sobre o texto *Karaí* e os segredos do sol

Professor, sinta-se livre para criar questões e atividades utilizando a história *Karaí e os segredos do sol*. Aqui estão algumas questões sugeridas:

1. Lendo o texto, você pode perceber que ele é bastante descritivo, dá detalhes do lugar onde a história se passa, do tempo e até das sensações do personagem principal. Que tal ilustrarmos essa história, fazendo um desenho para cada parágrafo?
2. *Karaí* é um menino, um homem ou um velhinho? Como você pode afirmar isso? (Justifique sua resposta com informações do texto)
3. Em qual época do ano se passa a história? É uma época especial para os Guarani? Por quê?

4. Aumente seu vocabulário, ou seja, acrescente mais palavras àquelas que você já conhece. Para isso, observe as palavras retiradas do texto e escreva palavras sinônimas (que têm o mesmo significado) no item (a) e antônimas (com significado oposto) no item (b):

a) Feixes, contemplar, ânimo, reluzir, depositar, sereno, despertar, emana, instigar, louvar, ironicamente, baga.

b) Agradável, amargo, esquentar, dentro, coragem, calmamente, comodamente, frio, limpo.

5. Pesquise um pouco sobre figuras de linguagem.

a) Procure exemplos de animismo no primeiro e terceiro parágrafo.

b) Há inúmeras comparações no texto, procure uma e copie.

c) Agora, crie uma frase contendo animismo, outra comparação e uma última com uma metáfora.

6. São quatro os pontos cardeais (as quatro direções). Para qual deles é virado o banquinho de tronco de *Karaí*? Como você descobriu? Desenhe uma rosa dos ventos determinando onde o sol nasce e onde se põe.

7. Após utilizar o banheiro, *Karaí* lava as mãos. Por que é importante lavar bem as mãos depois de usar o banheiro e antes das refeições?

8. *Karaí* se orgulha do seu terreiro limpo, ou seja, ele não deixa que o lixo fique espalhado por aí. Discuta com os colegas e com o professor sobre o lixo e procure responder às questões abaixo.

a) O lixo é um problema? Dê exemplos de problemas que o lixo pode trazer.

b) Qual a origem do lixo?

c) O que é feito com o lixo da sua casa?

d) Quais são os principais tipos de lixo?

d) Qual a destinação do lixo?

e) O que podemos fazer para tentar diminuir o problema do lixo.

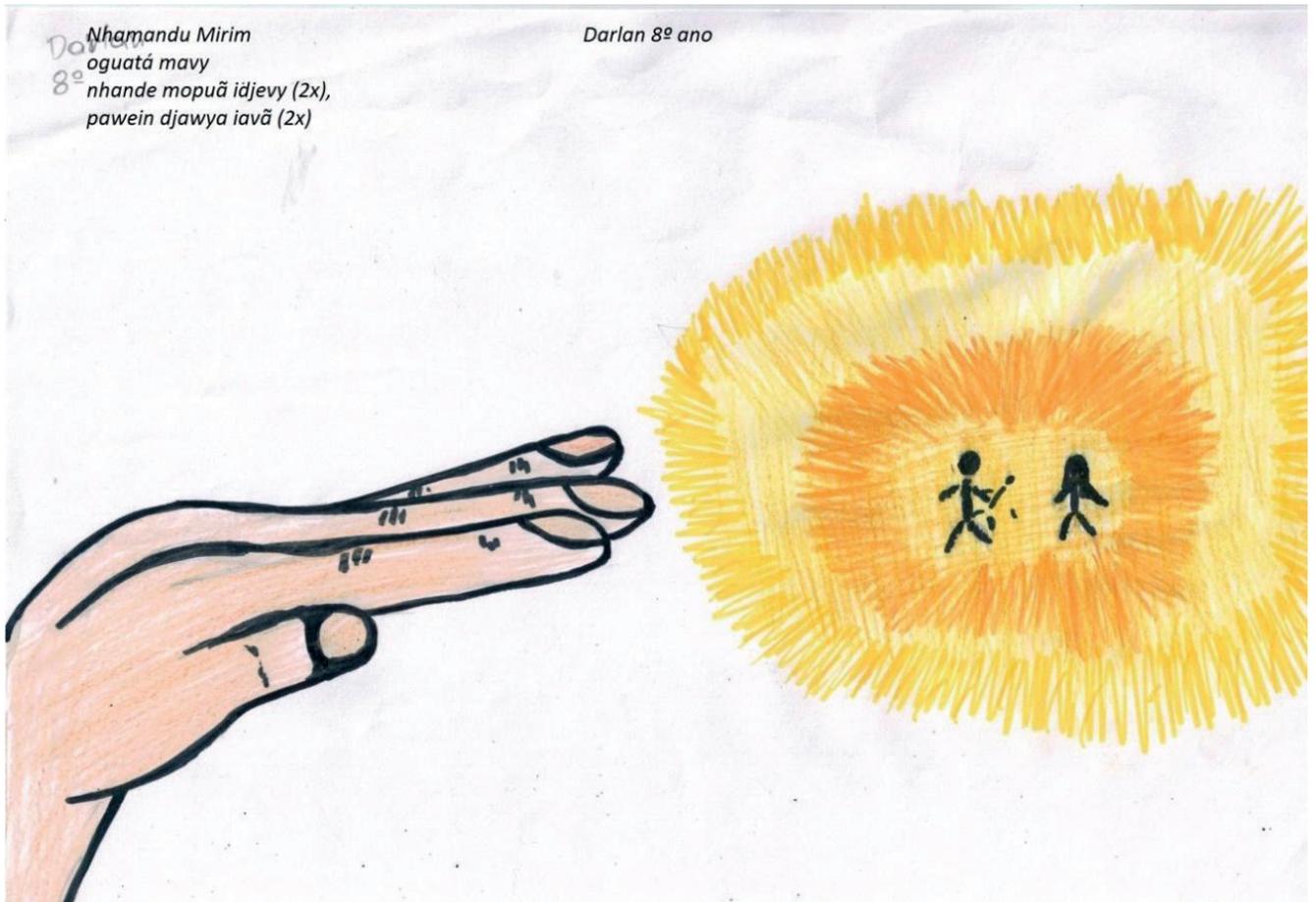
9. No texto, podemos ler a seguinte frase: “Os dias chuvosos são importantes, principalmente para as roças”. Qual a importância da água para os seres vivos? (pesquise em um livro de Ciências).
10. Qual a conclusão de *Karaí* sobre a alimentação das plantas? Discuta com o professor de Ciências sobre isso e pergunte qual teoria científica se assemelha às ideias de *Karaí*.
11. Dê exemplos do texto de cadeias alimentares. Relacione as ideias de *Karaí* com a teoria científica a respeito do fluxo de energia pela cadeia alimentar.
12. Faça ilustrações de algumas aves e vegetais que aparecem na história, escrevendo o nome de cada um, em português e em Guarani, e também o nome científico dessas espécies.

Como é o nosso mundo Guarani

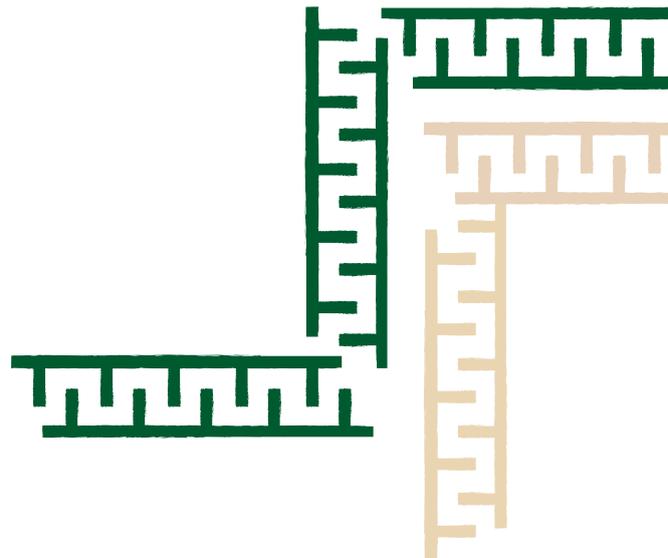
O mundo Guarani é regido pelo misticismo e envolvido pela religiosidade. É um mundo onde tudo possui vida e grande valor na natureza. A vida dos Guarani é vigiada pelos deuses das quatro direções do mundo, porque para cada canto do universo existe um deus tomando conta dos seres vivos e abençoando cada passo dado na terra. Os deuses e os espíritos observam a vida na Terra e nos protegem de todo mal. Em agradecimento a eles pela proteção divina, o Guarani canta canções que chegam até os espíritos, alegrando seus corações.



Nhamandu Mirim (principal deus que regula a vida Guarani na Terra)



Nas cerimônias sagradas, os rituais são feitos em favor dos deuses em agradecimento pela boa colheita, pelo nascimento de uma criança, pelo alimento de cada dia, pela vida, cada coisa boa que acontece é um motivo para agradecer aos deuses. Assim, eles fornecem forças espirituais para a alma, para que o povo Guarani enfrente com tranquilidade as lutas que são obrigados a enfrentar. Com seus poderes divinos, eles abençoam cada ser da Terra. É importante que o povo Guarani agradeça aos deuses com canções que venham do fundo da alma, que cantem com toda força do coração para que a música se torne uma forma de alimento oferecido aos deuses.





Os grandes espíritos estão em todos os lugares olhando pelo Guarani, observando seus atos na Terra, julgando seu comportamento e cuidando para que os maus espíritos não tomem conta de sua alma. Em cada lugar, em todos os momentos, há um espírito guiando os passos de cada ser humano. Os espíritos se fazem presentes em cada ser vivo que nos rodeia, estão nas plantas, na água, nos raios de sol, na chuva, em todos os lugares. Por isso dizemos que tudo é sagrado. Até mesmo a terra faz parte do nosso mundo sagrado.

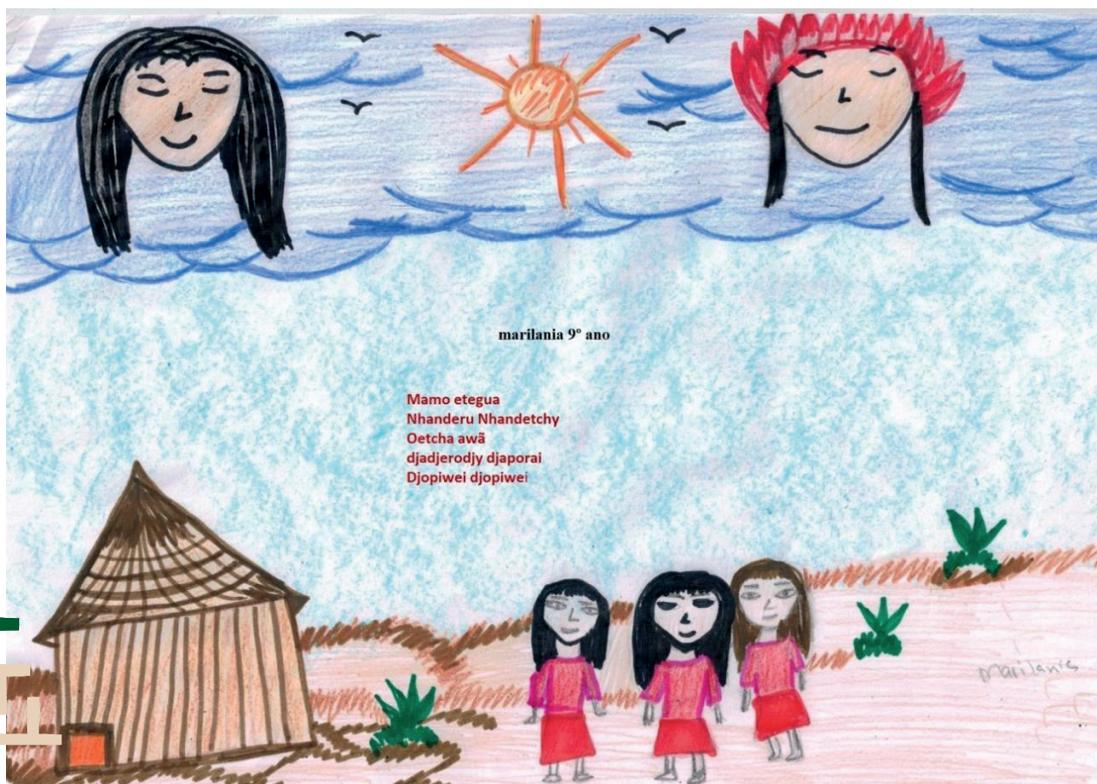


Mãe Terra cuidando dos seres vivos: A terra como principal elemento sagrado

A terra é nossa verdadeira mãe, de onde tiramos o sustento. É ela quem nos alimenta a todo o momento, não nos deixando perecer. Somos gratos a ela pelo ar que respiramos, pela água que bebemos, pela vida que ela nos fornece. Os *jurua* vêem nossa mãe apenas como um pedaço de terra sem vida, mas nós conseguimos enxergar muito além, conseguimos ver sua alma, seu espírito. Ela merece respeito, merece ser cuidada, ser amada e receber o devido agradecimento pelo sustento que ela nos dá.



Além de cantar e rezar, os Guarani fumam *petyngua*. Essa é uma forma também de agradecer e agradecer aos deuses, pois o *petyngua* é um instrumento sagrado usado pelos espíritos, uma forma pela qual os Guarani se comunicam com *Nhanderu* e demais deuses. É um meio pelo qual as rezas chegam até eles. As fumaças que saem do *petyngua* levam até *Nhanderu* nossos pedidos, nossas orações, nossas aflições; eles nos observam e nos julgam dignos ou não de receber sua atenção. É na *Opy* que agradecemos ao grande espírito, é lá que habitam os espíritos, onde há boas energias concentradas, onde acontecem as cerimônias, onde o canto de louvor aos deuses é entoado, onde é aceso o fogo sagrado e onde soam os instrumentos sagrados. É na *Opy* onde os deuses descem à terra e junto com o povo Guarani cantam e dançam alegremente.



Assim é o nosso modo de ser. Nossa vida é rodeada pela religiosidade, pelo xamanismo. A música e a dança alimentam nossos espíritos, que nos fazem ficar mais perto da terra sagrada, que faz um elo entre o povo Guarani e *Nhanderu*. Somos uma nação mística, um povo sagrado, e tudo que fazemos na nossa tradição se baseia em sabedorias e conhecimentos repassados da geração anterior para a nova geração. É de suma importância que todos os segredos e todas as sabedorias sejam repassadas e, simultaneamente, guardadas de um modo que não se percam no tempo ou no esquecimento.



A nova geração Guarani precisa ter acesso aos conhecimentos tradicionais para que não esqueçam que seu povo é uma nação milenar e para que tenham orgulho de fazer parte dessa cultura.

MAIS EXERCÍCIOS A PARTIR DAS MÚSICAS GUARANI

NHAMANDU MIRIM MAMO ETEGUA

*Nhamandu Mirim Mamo etegua
Oguatá mavy Nhanderu Nhandetchy
Nhande mopuã idjevy (2x), Oetcha awã
Pawein djawya iavã (2x) djadjerodjy djaporai
Djopiwei djopiwei*

Exercícios de História:

1. Na etnia Guarani é importante cantar e dançar, pois faz parte de uma tradição que é repassada de geração a geração. Há vários instrumentos que também fazem parte do ritual do canto e dança que são o *takuapu*, *rave*, *mbaraka*, *mbaraka mirim* e o *angu'apu*. As canções, a dança e os instrumentos tiveram grande influência na história da sociedade brasileira. Em sua opinião por que é importante para o Guarani cantar e dançar?
2. Na ilustração a seguir a *kunhá* esta cantando uma música e tocando um instrumento:
 - a) Diga qual instrumento ela tem na mão e fale o que você sabe sobre esse instrumento.
 - b) Desembaralhe a letra do título da música, descubra qual música ela está cantando e escreva no balão.

MAN RIM MI
DU NHA



MAMO ETEGUA

*Mamo etegua
Nhaderu Nhandetchy
Oetcha awã
Djadejerody djaporai
Djopiwei Djopiwei*

Exercícios de Artes:

Para cantar *Mamo Etegua*, os Guarani da aldeia de Biguaçu utilizam instrumentos para acompanhar a música: *rave*, *mbaraka*, *mbaraka mirim* e *angu'apu*. Que tal você desenhar esses instrumentos e comentar sobre cada um deles?

Pesquise uma história ou música com seus pais ou seus avós que fale de Nhanderu ou Nhamandu Mirim e depois conte aos seus colegas e ao seu professor na sala de aula o que você aprendeu.

Educação Corporal

Os cantos e as danças são uma forma de educação corporal que usamos para fortalecer o corpo, a mente e o espírito. A partir dessa concepção, nós Guarani conseguimos fazer disso uma realidade em nosso meio, que vivenciamos no nosso cotidiano. As pinturas, as brincadeiras, os jogos: tudo faz parte de um mesmo sistema de aprendizagem que o Guarani utiliza para interagir com as crianças e jovens.



Crianças, jovens e professores da aldeia Mbiguaçu.

1. Descubra a letra da música conforme o alfabeto apresentado:

Ex.:

a)

N H

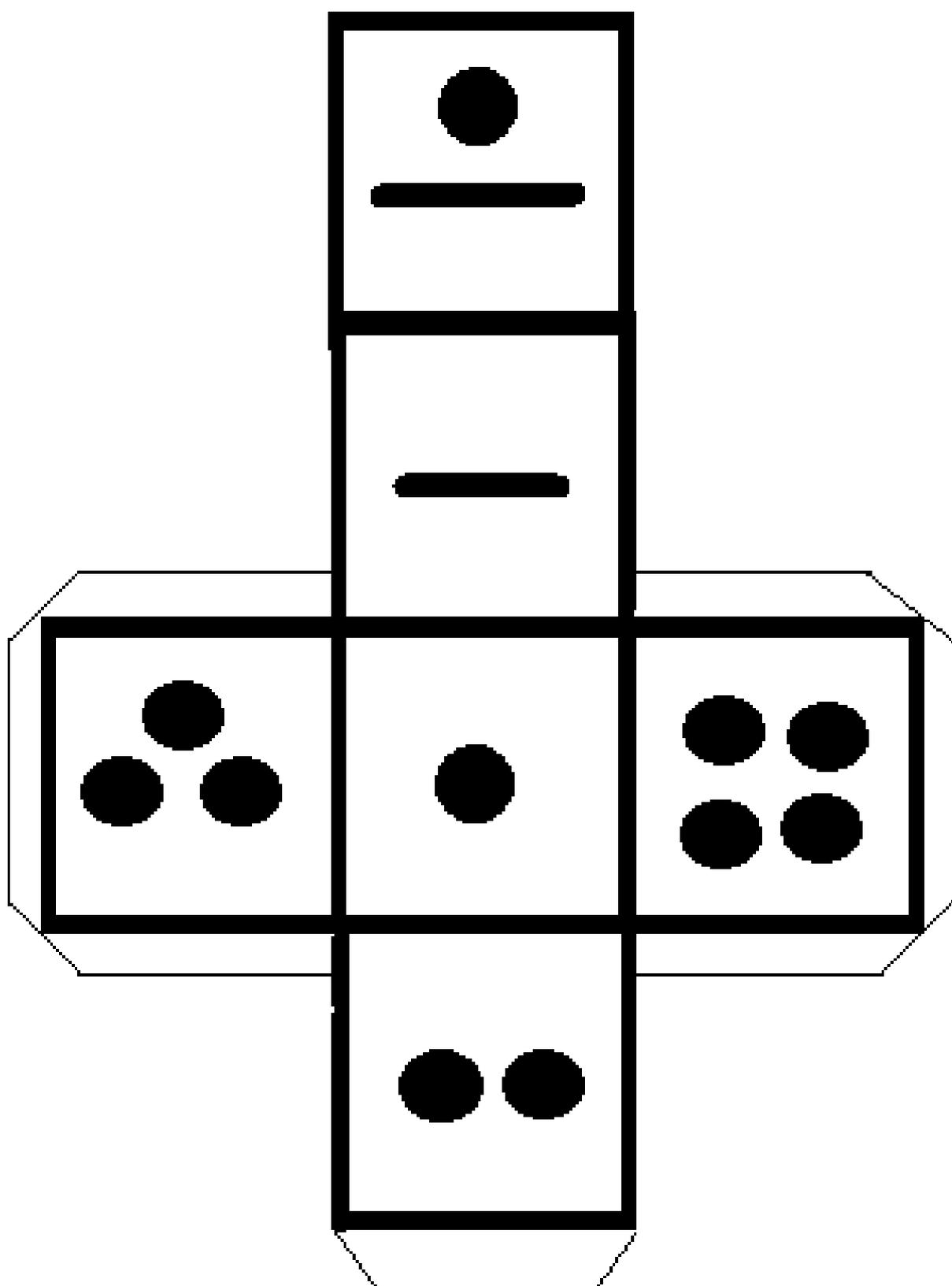
b)

2. Uma pessoa fica na frente da sala e os outros alunos ficam atrás. A pessoa que fica na frente cria a coreografia ou os gestos, e os outros têm que acompanhar fazendo os mesmos movimentos. Se alguém errar ou não fizer os movimentos corretamente terá que cumprir alguns desafios, tais como: imitar um macaco, imitar um galo, imitar um sapo, pular dez vezes, contar uma piada ou girar cinco vezes.

NHAMANDU MIRIM

Nhamandu mirim
Oguata mavy
Nhenemopuã edjevy
Pavei djavy`ai awã

3. Recortar:





Secretaria de Estado da Educação

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO CONTINUADA,
ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO

